

## **CLIC! ... A ESCOLA do AMANHÃ na UECE!**

Mauro Oliveira (28/nov/2025)

*(Ao magnífico amigo Hidelbrando Soares, reitor da maravilhosa UECE)*

Quem orienta teses, dissertações, TCCs sabe: há dias em que as coisas andam “como quem já teve pressa”, bem obediente, de mansinho. Mas há dias em que acontece um CLIC. Assim, em maiúsculo. Aquele clarão num satori acadêmico! Um relâmpago tectônico que desce do nada ou de algum lugar secreto dentro da gente e que transforma uma ideia tímida numa epifania sísmica capaz de levantar os pelos mais agnósticos do antebraço.

Foi com essa vontade de sexta que peguei, hoje de manhã, o metrô na Estação Iracema, aquela ao lado do Edifício San Pedro que ainda exala o cheiro de brisa, sal e crosta persistente da nossa história demolida. Desci no Itaperi, convocado que fui pelo magnífico amigo Hidelbrando Soares, esse reitor da UECE que, num CLIC filosófico, harmoniza a sabedoria do caboclo à ciência da vida, entre gentilezas que geram gentilezas.

Preparei-me “física e psicologicamente” para a contenda, como o Croinha do Ferrim ao entrar em campo”. E dirigi-me ao auditório Paulo Petrola, onde anunciam minha palestra que, por sobrevivência retórica, rebatizei de uma boa conversa (rsrsrs).

Quantos estariam na confraria dessa conversa, pensei antes de adentrar feito John Wayne no Saloon? Não interessa se 10, 50, de repente mil militantes da educação o que levaria o competente Prof Altemar Muniz a acionar a segurança verde (rosas no coldre) para conter a multidão sedenta de emoções (rsrsr), numa cena de lembrar a bilheteria do primeiro filme exibido no Cine São Luiz (26 de março de 1958): “Anastácia, a Princesa Esquecida”, com a lindíssima Ingrid Bergman (“... era miragem, fantasia de um mundo blues”).

Na verdade, a partir de dois transeuntes (e um Malbec) eu já me entusiasmo com a conversa. Mas, e a pauta? Soberania Digital, colonialismo das big techs, imigração de datacenter gringo etc. Este último, objeto de negociação do tarifaço com o Trump, já de mala, cuia e passaporte azul prontos para se instalar em terra brasiliensis. Datacenters chegam com suas benesses prometidas, mas também com suas mazelas e ameaças energéticas, hídricas e geopolíticas, rejeitados de luxo que são da sala de estar do Tio Sam, no Texas, onde já não cabe mais uma GPU sequer entre vacas, turbinas e blackout.

Mas e o tal do CLIC? Pois é! O CLIC veio num átimo intempestivo, desses que você só se dá conta depois que transborda no kengo: pensei em trocar a apresentação sobre Soberania Digital pela Escola do Amanhã... ou melhor, pela Escola do “Daqui a Pouco”.

E, num delírio tergiverso, segui firme: por que não lançar um desafio aos camaradas da educação da UECE? A proposta: arquitetar a Escola do Amanhã!

Como será esta Escola do Amanhã? Sem dúvida, um convite a uma reflexão desafiadora! Um manifesto ao futuro digital elegantemente disfarçado em uma conversa analógica?

Afinal, a avalanche da IA Generativa não está “a caminho”. Nada disso. Ela já entrou na sala de aula, empurrou a porta sem cerimônia, puxou uma cadeira, abriu o notebook, encarou todo mundo com a naturalidade de quem já mora ali e perguntou: “Qual é a senha do Wi-Fi?”

Nossa estudantada, jovens da era do streaming, da web líquida, das emoções aceleradas e dos polegares que pensam, continuam aprisionados numa pedagogia do século XIX. Um cenário de

quadro-negro emocional, giz pedagógico fossilizado e aquela velha frase patética que atravessa a garganta das gerações como um mantra de desistência didática: “Copiem tudo que está no quadro!”

Como é que eles aguentam? Como entender que jovens do Ensino Médio recebam seus “canudos de proficiência” sem jamais terem tocado em ferramentas “Inteligentes”, que já são básicas no novo mundo? Do NotebookLM, esse bibliotecário quântico que reorganiza o caos e acende neurônios desanimados, ao N8N, esse mordomo digital que trabalha calado, conversa com APIs, resolve tretas, cria fluxos e automatiza tudo como se fosse um ChatGPT alimentado com cafeína e propósito.

O descompasso da Escola brasileira é gritante: conservadora, presa a rituais da pedagogia medieval; repetindo liturgias pedagógicas que já deveriam estar no museu. Parte do magistério vive naquela zona pedagógica de conforto sem perceber que o mundo mudou, passou, acelerou. Estamos “Educando para um mundo que já acabou.” (O POVO, 23/jul/2025),

É esse abismo que pretendo discutir, “Daqui a Pouco”, na conversa com meus companheiros da UECE. Vou perguntar aos 10, 50 ou mil que aparecerem: será possível uma Escola onde o aluno seja o protagonista e o professor um diretor de cena? uma Escola que devolva ao jovem a vontade de habitar seu planeta, um Planeta Jovem onde aprender é experimentar, errar, criar, remixar? Uma Escola onde o estudante finalmente se encontre com um Brasil soberano, tecnológico, criativo, autor de seu próprio futuro, e não mero figurante do enredo alheio monopolizada e roteirizada das big techs?

Simples assim: ou escrevemos nossos próprios algoritmos, ou continuaremos lendo legendas traduzidas da história dos outros. E a Escola é o caminho seguro para a transformação da sociedade.

Porque o futuro não espera!

Será preciso lucidez, coragem e grandeza política para uma Escola do Amanhã.

Será preciso compreender que inteligência é patrimônio estratégico, não commodity.

Um país soberano não pode continuar exportando cérebros, dados e energia barata enquanto importa, a preço de dependência, tecnologias que não controla, não audita e não domina.

No fundo, o que está em jogo é algo muito simples e muito profundo: o direito de escrevermos nossa própria história com nossos próprios algoritmos. De decidirmos o que queremos ser neste século antes que nos digam o que seremos.

Porque quem cede sua inteligência, cedo ou tarde, perde sua voz!

Tudo isso para dizer que precisamos construirmos uma nova Escola, a Escola do Amanhã, a Escola do “Daqui a Pouco”, um voo civilizatório e libertador, um voo de alma brasileira, um voo manifesto de um Brasil soberano que precisa...

escrever seu próprio código/ amassar o próprio pão/ falar com a própria voz...

sem tradução/ sem pedir permissão/ sem pedir licença!

**Mauro Oliveira**

Eletrotécnico (IFCE), tem mestrado em Engenharia Elétrica (PUC-Rio), PhD em Informática (Sorbonne University). Foi Secretário de Telecomunicações do Ministério das Telecomunicações.